

»Entrevista | RUBENS BARBOSA | EMBAIXADOR APOSENTADO

Para o diplomata, o caminho para superar a crise do tarifaço é pela abertura de canais de comunicação com o governo dos EUA — o que, segundo ele, não foi feito desde que Trump voltou à Casa Branca. Afinal, são US\$ 90 bi em comércio bilateral

“Assunto é técnico; politizar é um erro”

» RENATA GIRALDI

O embaixador aposentado Rubens Barbosa, de 87 anos, atual presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior, defende o caminho do diálogo e da negociação, bem distante da retaliação e da ameaça da reciprocidade anunciadas pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Considerado um dos diplomatas brasileiros mais hábeis, foi sub-secretário de Economia, Integração e Comércio Exterior do Ministério das Relações Exteriores; secretário de Relações Internacionais do Ministério da Fazenda; representante do Brasil em Londres (1994-1999) e em Washington (1999-2004); e escreveu o livro Relações Brasil-Estados Unidos: Assimetrias e Convergências. Para Barbosa, é preciso buscar uma alternativa negociada à decisão do presidente Donald Trump de aplicar tarifas de importação de 50% sobre os produtos brasileiros, a partir de 1º de agosto, e atrelando a sanção ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe de Estado. Segundo o diplomata, é preciso baixar o tom e pensar pragmaticamente, pois há US\$ 90 bilhões de comércio bilateral envolvidos. Conforme observa, manter a temperatura alta da crise apenas traz prejuízos. A seguir, a entrevista concedida ao Correio.

Na sua avaliação, o que está acontecendo?

Quando o presidente é muito importante, o pessoal ouve lá fora, e aí isso é parte do problema. Agora, é claro que houve uma politização por parte da oposição, que, aqui no Brasil, é igual ao Bolsonaro — mas tem uma oposição que não é só o Bolsonaro. O Eduardo Bolsonaro, o filho que está lá nos Estados Unidos, atuou — e tenho falado isso — e o governo brasileiro há meses assiste a essa ação lá. Em Washington, o governo brasileiro não estabeleceu nenhum canal de comunicação para contraditir essa posição. Por isso é que digo que não me surpreendeu, porque achava que vinha mesmo uma coisa dessas — estava na cara que vinha uma coisa dessas. Agora, eu imaginava que não 50%. Acho que a oposição envenenou a relação com o Trump e o resultado foi essa tarifa. E acho que a oposição vai atuar junto ao Trump para reduzir essa tarifa. É uma especulação minha, não tem evidência nenhuma

disso, mas, pelo que está pintando aí, essa tarifa de 50% é uma coisa política. E como foi politicamente colocada, vai ser politicamente retirada.

Qual é o caminho diante desse impasse?

Acho que o governo brasileiro, em vez de ficar estimulando ideologicamente a confrontação, tem que partir para negociação. Não tem alternativa. Tem que conversar, abrir canais de comunicação para conversar. Todos os países estão fazendo isso. A China está fazendo, o Vietnã está fazendo, e não são exatamente capitalistas nem conservadores. O México fez para o Japão, e eu não estou nem citando o México e o Canadá, porque são países vizinhos, são membros do NAFTA e tal, coisa excepcional. Mas se eles também negociaram... Você viu o negócio do Canadá? O Canadá colocou uma taxa lá, o Trump falou: ‘Eu vou botar 100% de tarifa’. O primeiro-ministro do Canadá [Mark Carney] recuou imediatamente. Não adianta você tratar com o Trump, que é um cara imprevisível, um cara que usa força e tal, querendo retaliar.

Retaliar, então, é um caminho perigoso?

O presidente (Luiz Inácio Lula da Silva) falou que vai retaliar. Quer dizer: a lei de retaliação não prevê só a retaliação de tarifa, prevê outras medidas. Se o Brasil retaliar em tarifa, você pode estar certa de que vai passar de 50% para 100%. Pode estar certa. Acho que eles não vão fazer isso. O (Geraldo) Alckmin (vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio e Indústria) não vai aceitar uma retaliação na base das tarifas. Eles vão ter que fazer uma proposta de redução de tarifa de produtos americanos exportados para o Brasil, eliminação de restrições não tarifárias para outros produtos que têm tarifa baixa, mas tem muita restrição para importação. Então, vão ter que negociar.

A coordenação dessas articulações parece ser tripartite: Casa Civil, Ministério da Indústria e Comércio e Itamaraty. Assim funciona melhor?

Isso não pode ser coordenado pela Casa Civil. Tem que ser coordenado pelo Ministério do Comércio e pelo Itamaraty. Eu vi que a Casa Civil convocou uma reunião lá. Quer dizer: está errada, porque dá o sinal de politização, quando você tem que ter uma negociação técnica. A politização da carta (do Trump) foi respondida ontem, com a convocação do encarregado de negócios dos Estados Unidos

Arquivo pessoal



O Eduardo Bolsonaro, o filho (do ex-presidente) que está lá nos Estados Unidos, atuou — e tenho falado isso — e o governo brasileiro há meses assiste a essa ação lá. Em Washington, o governo brasileiro não estabeleceu nenhum canal de comunicação para contraditir essa posição. Por isso é que digo que (o tarifaço) não me surpreendeu”

(Gabriel Escobar) no Brasil.

O governo brasileiro devolveu a carta do Trump em um tom bem duro. Na negociação diplomática, isso é um complicador?

Acho um erro terem devolvido a carta também. Mas já foi respondido, não tem que insistir mais nisso, tem que acabar com isso, já foi respondido. O governo brasileiro tem de dizer para vocês (jornalistas): ‘Não vamos tocar mais nisso porque já foi respondido, vamos estar focados na questão comercial’. Isso é o que tinha que ser.

O senhor tem muito contato com

empresários de vários setores. Como eles estão enxergando essa crise?

Estão muito preocupados, porque os afeta diretamente. Há o setor dos plásticos, de autopeças e da agricultura. Tem muita coisa em jogo aí. São US\$ 40 bilhões em exportação. Não pode ideologizar, partidizar essa disputa, dizer que é o PT contra o Trump. Eles vão fazer isso para capitalizar internamente, mas não pode ser PT contra o Trump. Tem que ser negociação comercial dos empresários, do governo, com o Departamento de Comércio, com o West York americano. Tem que ser uma negociação técnica, não política.



(A resposta brasileira a Trump) tem que ser coordenada pelo Ministério do Comércio e pelo Itamaraty. Vi que a Casa Civil convocou uma reunião. Está errado, porque dá o sinal de politização, quando você tem que ter uma negociação técnica. A politização da carta (do presidente norte-americano) foi respondida com a convocação do encarregado de negócios no Brasil.

Ainda tem espaço para esse diálogo?

Claro, teve para todos os países, por que não tem com o Brasil? Claro que tem. Essa carta é política, já falei isso. A parte técnica tem que negociar até 1º de agosto — está lá na carta (do Trump). Acho que o governo do Brasil, que é o maior país aqui da América do Sul, tem US\$ 90 bilhões de comércio com os Estados Unidos, é o segundo parceiro brasileiro. Não podemos abrir uma crise de grandes dimensões por causa dessa decisão política do governo americano.

O senhor repete que a alternativa única é a

da negociação...

Temos que estabelecer canais de comunicação que não existem desde que o Trump assumiu. Não é possível o presidente brasileiro não falar com o presidente americano. Não é possível o ministro do exterior do Brasil não falar com o ministro do exterior dos Estados Unidos. Há oito meses que não há canais de comunicação. Não estou falando disso desde a eleição, quando começou essa campanha da oposição lá em Miami, lá no Congresso, lá na Casa Branca. Só não viu quem não quis. Estou falando, já escrevi e tudo, chamando a atenção para isso. Só não viu quem não quis.

Presidente agride para obrigar a negociar, dizem analistas

Um dia depois de Donald Trump elevar em 50% as tarifas sobre os produtos brasileiros, analistas consultados pelo Correio alertam que há uma estratégia muito bem definida do presidente dos Estados Unidos. Segundo eles, a tática é a da barganha e da narrativa agressiva e dura para, em seguida, sentar-se à mesa de negociação e buscar um meio-termo. Eles são favoráveis ao diálogo para evitar o acirramento da crise, que causará prejuízos incalculáveis à economia nacional. Da mesma forma, veem como alternativa a busca por apoio de fóruns multilaterais contra o impasse com os EUA, além de recomendar a diversificação de mercados com vistas a diminuir a relevância do mercado norte-americano para o Brasil.

“O verdadeiro risco para as relações bilaterais não está na resposta brasileira, mas, sim, no tarifaço proposto pelos EUA, que ameaça desestabilizar um comércio equilibrado e, de maneira mais profunda, as relações históricas entre os países. A imposição de barreiras unilaterais compromete cadeias produtivas, encarece produtos e prejudica trabalhadores”, ressaltou Alan Camargo, assessor

internacional, analista político e professor universitário.

Porém, os especialistas reiteraram a importância de marcar posição em defesa da soberania nacional, impedindo que Trump interfira em temas de política interna, mas mantendo o tom da conciliação e da técnica. Eles advertem que os EUA absorvem parcela expressiva das vendas externas brasileiras em vários setores, inclusive no ramo digital, pois empresas, como Amazon, Microsoft e Google mantêm operações extensas no país, em nuvem e em comércio eletrônico. Uma eventual retaliação regulatória brasileira ou atraso em licenças de data centers pode afetar resultados globais relevantes.

“Há um falso argumento de ‘reciprocidade’ invocado pela administração Trump, juridicamente insustentável e materialmente equivocado por si só, dado que a OMC (Organização Mundial do Comércio) não exige equilíbrio nas relações bilaterais entre os Estados-membros”, observou Leonardo Pinheiro, professor de direito empresarial, constitucional e internacional.

Os analistas defendem a tática da moderação, uma vez que a

Brendan Smialowski/AFP



Trump tentar submeter o Brasil à mesma técnica que usou com a China

carta de Trump, devolvida para o governo norte-americano, foi redigida em tom duro. Afirmam que a experiência recente mostra que a opção silenciosa aumenta as chances de adiamento ou de revogação gradual da tarifa, definindo exclusões de produtos.

“O histórico de Trump mostra

uma estratégia bastante conhecida, como a **técnica do bode na sala**, brin-

Conciliação forçada

A técnica do “bode na sala” (ou “elefante na sala”, em inglês “elephant in the room”) é uma metáfora que se refere a um problema óbvio e importante que todos na sala (ou em um grupo, organização, família, etc.) estão cientes, mas que ninguém quer discutir abertamente. É algo que está causando tensão, desconforto ou impedindo o progresso. Mas, por diversas razões — medo, vergonha, conveniência, ou falta de coragem —, é ignorado ou evitado. O “bode na sala” acontece pelo medo de conflito — as pessoas podem evitar discussões difíceis por temor de gerar atritos, desentendimentos ou reações negativas.

faria em uma situação normal. Ele já usou essa abordagem em negociações com a China”, acrescentou.

Valle, Camargo e Pinheiro afirmaram que o modo de agir do governo Trump segue uma espécie de cartilha bem definida e clara: há uma retórica para os seguidores e aliados, enquanto o pragmatismo

rege os interesses econômicos e comerciais. Baseados nessa avaliação, reiteram a necessidade de retomar o fôlego, deixando as emoções de lado.

“Embora a retórica de confronto seja uma marca registrada de Trump, sua política externa é guiada por pragmatismo. A decisão de manter ou reverter as sobretaxas dependerá, sobretudo, do impacto econômico interno nos EUA”, disse Camargo.

Porém, Pinheiro ressaltou que não se pode relevar ameaças nem ingerências à soberania. “Constituiu evidente afronta a diversos princípios constitucionais, como o da independência nacional (soberania), da não-intervenção e da autodeterminação dos povos — fundamentos basilares do direito internacional”, observou.

Para Valle, além da via diplomática, a alternativa viável para o Brasil é a diversificação de mercados, reduzindo, lentamente, o peso dos EUA na balança comercial. “O Brasil tem conversado com países como o México sobre acordos comerciais e, no âmbito do Brics, tem buscado alternativas para reduzir a dependência das exportações para os EUA”, lembrou. (RG)